

Um Bom Homem É Difícil de Encontrar

A avó não queria ir para a Florida. Queria visitar uns parentes seus no leste do Tennessee, e não perdia uma oportunidade de convencer Bailey a mudar de ideias. Bailey era o filho com quem ela morava, o seu único rapaz. Estava sentado no bordo da sua cadeira, à mesa, curvado sobre o caderno de desporto cor de laranja do *Atlanta Journal*. — Olha para isto, Bailey — disse ela —, repara bem, lê isto. — E, ali parada com uma mão fincada na anca magra, segurava o jornal com a outra, fazendo-o crepitar junto à cabeça calva do filho. — Um tipo que diz chamar-se Pária fugiu da Penitenciária Federal e vai a caminho da Florida, e lê só aqui o que ele fez a estas pessoas. Lê só, se fazes favor. Eu cá é que não levava os meus filhos para as bandas onde andasse um criminoso assim à solta. Nem ficava de bem com a minha consciência, se o fizesse.

Como Bailey não ergueu os olhos da sua leitura, ela deu meia-volta e encarou a mãe das crianças, uma jovem de calças, rosto largo e inocente que nem uma couve, um lenço verde amarrado à cabeça com duas pontas a assomar no alto, quais orelhas de coelho. Sentada no sofá, com um boião de damascos na mão, ia dando de comer ao bebé. — Os miúdos já conhecem a Florida — prosseguiu a idosa. — Vocês deviam de os levar a outros lados, que é para variar, para eles verem lugares diferentes e lhes abrir os horizontes. Eles nunca ‘tiveram no leste do Tennessee.

A mãe das crianças pareceu não a ouvir, mas o rapazito de oito anos, John Wesley, um garoto entroncado, de óculos, interveio: — Se a avó não quer ir até à Florida, porque é que não fica em casa? — Ele

e a rapariguita, June Star, estavam estendidos no chão, a ler os suplementos infantis do jornal.

— Ela não ficava em casa nem por nada neste mundo — comentou June Star sem erguer a cabeça loira.

— Ah, sim, e o que é que vocês faziam se este fulano, o Pária, vos deitasse a mão? — perguntou a avó.

— Eu cá dava um murro na cara dele — replicou John Wesley.

— Ela não ficava em casa nem que lhe dessem um milhão de dólares — disse June Star. — Tem medo que a gente se divirta e ela não. Tem de ir a reboque da gente para toda a parte.

— Muito bem, minha menina — ripostou a avó. — Lembra-te bem disso da próxima vez que quiseres que eu te faça caracóis no cabelo.

June Star disse que tinha o cabelo já de si encaracolado.

Na manhã seguinte, a avó foi a primeira a instalar-se no automóvel, pronta para partir. Enfiara num canto a sua grande mala de viagem negra, que parecia a cabeça de um hipopótamo, e, por baixo, escondia um cesto com *Pitty Sing*, o gato, lá dentro. Não queria que o gato ficasse sozinho em casa durante três dias, porque o bicho teria muitas saudades e ela tinha medo de que ele se roçasse sem querer contra um dos manípulos do fogão e morresse asfixiado. O filho dela, Bailey, não gostava de levar o gato quando se hospedava em motéis.

Sentada no centro do banco traseiro, a idosa tinha John Wesley e June Star sentados à sua ilharga, de um e de outro lado. Bailey e a mãe das crianças e o bebé iam no banco da frente, e deixaram Atlanta a um quarto para as nove, com o conta-quilómetros do carro a assinalar 89946. A avó anotou este número, porque achou que, quando regressassem, seria interessante dizer quantos quilómetros tinham percorrido. Levaram vinte minutos a chegar aos arrabaldes da cidade.

A idosa instalou-se confortavelmente, tirou as luvas brancas de algodão e pousou-as, juntamente com a malinha, na prateleira diante do vidro traseiro. A mãe das crianças trazia ainda umas calças vestidas e tinha ainda um lenço verde atado à cabeça, mas a avó trazia um chapéu de palha de marujo, azul-marinho, com um ramo de violetas brancas a enfeitar a aba, e um vestido também azul-marinho com um padrão de bolinhas brancas. Tinha golas e punhos de organdi branco, debruados de renda, e, no decote, prendera um ramalhete púrpura de violetas de pano, contendo um saquinho aromático. Se houvesse um

acidente, quem quer que a visse morta na estrada saberia logo que ela era uma senhora como deve ser.

Disse que lhe parecia que aquele ia ser um bom dia para viajar de automóvel, nem demasiado quente nem demasiado frio, e avisou Bailey de que o limite de velocidade era de noventa quilómetros por hora e de que os polícias de trânsito se escondiam atrás dos painéis publicitários e das pequenas manchas de árvores, de onde saíam na mecha atrás dos carros antes que estes pudessem abrandar. Apontou pormenores interessantes da paisagem: a Stone Mountain; os maciços de granito azul que, em certos lugares, assomavam de ambos os lados da estrada; os taludes de argila vermelha a cintilar, ligeiramente raiados de púrpura; e as várias culturas que formavam fiadas de rendilhado verde sobre os terrenos. As árvores estavam repletas da luz branca do Sol, em tons de prata, e até as mais humildes refulgiam. Os dois garotos liam revistas de banda desenhada, e a mãe deles tornara a adormecer.

— Toca a atravessar a Geórgia depressa, que é para não termos de olhar muito para esta terra — pediu John Wesley.

— Se eu tivesse a tua idade — acudiu a avó —, não falava nesses termos do meu estado natal. O Tennessee tem as montanhas e a Geórgia tem as colinas.

— O Tennessee é uma lixeira cheia de parolos, mais nada — retorquiu John Wesley —, e a Geórgia também é uma bela porcaria de estado.

— Nem mais — concordou June Star.

— No meu tempo — tornou a avó, entrelaçando os dedos magros, de veias salientes —, os meninos mostravam mais respeito pelo estado onde tinham nascido e pelos pais e por tudo o resto. Naquele tempo, as pessoas tinham tento na língua. Ai, vejam só aquele pretinho pequerruchinho além! — exclamou, e apontou para uma criança negra, parada à porta de uma choupana. — Digam lá que não dava um quadro bonito, hem? — perguntou, e todos voltaram a cabeça e olharam para o negrito pelo vidro traseiro. Ele acenou-lhes com a mão.

— Ele não tinha calças — comentou June Star.

— Provavelmente, não tem calças para vestir — explicou a avó.

— Os pretinhos destas terras não têm coisas assim como nós. Se eu soubesse pintar, pintava aquele quadro — declarou.

Os garotos trocaram as revistas um com o outro.

A avó ofereceu-se para pegar no bebê ao colo, e a mãe das crianças passou-lho para os braços por cima do banco da frente. A avó sentou-o no joelho e fê-lo saltitar e falou-lhe das coisas que iam vendo pelas janelas. Revirou os olhos e franziu a boca e encostou o rosto magro e coriáceo ao rosto macio e tenro do bebê. De vez em quando, ele fazia-lhe um sorriso distante. Passaram por um grande campo de algodão com cinco ou seis campas no centro, rodeadas por uma vedação, qual uma pequena ilha. — Olhem para aquele cemitério! — disse a avó, apontando-o com o dedo. — Era ali que a família sepultava os seus mortos. Pertencia à plantação.

— E onde é que 'tá a plantação? — perguntou John Wesley.

— E tudo o vento levou — respondeu a avó. — Ah, ah.

Quando os garotos acabaram de ler todas as revistas de banda desenhada que tinham trazido, abriram a caixa que continha o almoço e comeram-no. A avó comeu uma sanduíche de manteiga de amendoim e uma azeitona, e não deixou que os garotos deitassem a caixa e os guardanapos de papel pela janela fora. Quando já não mais havia nada para fazer, puseram-se a jogar um jogo em que cada qual escolhia uma nuvem e pedia aos outros dois que adivinhassem qual a forma que a nuvem sugeria. John Wesley escolheu uma nuvem em forma de vaca, e June Star adivinhou que era uma vaca, mas John Wesley disse não, é um automóvel, e June Star disse que ele fazia batota e começaram a trocar sopapos por cima do regaço da avó.

A avó prometeu que lhes contava uma história se eles serenassem. Sempre que contava uma história, revirava os olhos e meneava a cabeça e fazia ares muito dramáticos. Contou que, há muitos anos, nos seus tempos de donzela, tivera um pretendente, um tal Mr. Edgar Atkins Teagarden, de Jasper, ali na Geórgia. Explicou que ele era um homem muito bem-parecido e um cavalheiro, que lhe levava uma melancia todos os sábados à tarde, com as iniciais dele recortadas na casca, E. A. T. Bom, certo sábado, contou ela, Mr. Teagarden trouxe a melancia do costume, mas, como não estava ninguém em casa, deixou-a no alpendre da frente e regressou a Jasper na sua charrete, mas ela nunca chegou a receber a melancia, contou, porque um rapazito escarumba comeu-a quando viu as iniciais, E. A. T., «comer»! John Wesley achou imensa piada a esta história e riu, riu sem parar,

mas June Star não achou que fosse grande coisa. Disse que nunca se casaria com um homem só por ele lhe levar uma melancia todos os sábados. A avó respondeu que teria feito muito bem em casar-se com Mr. Teagarden, porque ele era um cavalheiro como deve ser e comprara ações da Coca-Cola mal a companhia apareceu e tinha morrido havia poucos anos, muito, muito rico.

Pararam na Torre para comer bifanas e pregos no pão. A Torre, uma construção com algumas paredes de estuque e outras de madeira, era uma bomba de gasolina e salão de baile situado numa clareira, nos arrabaldes de Timothy. O dono era um homem obeso chamado Red Sammy Butts, e havia letreiros pregados aqui e além no edifício e na berma da estrada, ao longo de quilómetros e quilómetros num e noutro sentido, anunciando: EXPERIMENTE O FAMOSO CHURRASCO DO RED SAMMY. O FAMOSO RED SAMMY É O MAIOR! RED SAM! O GORDUCHO COM O SEU RISO ALEGRE. UM VETERANO DA GUERRA! NÃO HÁ COMO O RED SAMMY!

Red Sammy estava estendido na terra, diante da Torre, com a cabeça enfiada debaixo de uma camioneta, enquanto um macaco cinzento dos seus trinta centímetros de altura, acorrentado a uma pequena amargoseira, ululava ali perto. Assim que viu os garotos a saltar do carro e a correr ao seu encontro, o macaco precipitou-se para a árvore e trepou até ao ramo mais alto.

O interior da Torre era formado por uma sala comprida e escura, com um balcão numa ponta e mesas na outra, e uma pista de dança no meio. Sentaram-se todos em volta de uma mesa de tábuas, junto à *jukebox*, e a mulher de Red Sam, uma mulher alta e de pele tisonada, com o cabelo e os olhos mais claros do que a pele, aproximou-se e anotou o pedido deles. A mãe das crianças meteu uma moeda de dez cêntimos na máquina e pôs a tocar *The Tennessee Waltz*, e a avó comentou que aquela melodia lhe dava sempre vontade de dançar. Perguntou a Bailey se ele queria dançar, mas ele limitou-se a fuzilá-la com os olhos. Não possuía um temperamento naturalmente radioso, como o dela, e as viagens enervavam-no bastante. A avó tinha os olhos castanhos a brilhar imenso. Meneou a cabeça de um lado para o outro e fez de conta que estava a dançar na cadeira. June Star pediu uma música que desse para dançar sapateado, e então a mãe das crianças meteu outra moeda na máquina e escolheu uma melodia